

UMA LITERATURA EM SUPERNOVA: PRODUÇÃO LITERÁRIA DE VALENÇA (BA) NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

A LITERATURE IN SUPERNOVA: VALENÇA (BA)'S LITERARY PRODUCTION IN THE BEGINNING OF 21ST CENTURY.

Recebido: 06/07/2022

Aprovado: 30/07/2022

Publicado: 13/10/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i3.2983

José Ricardo da Hora Vidal¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1608-7740>

Resumo: O presente artigo visa analisar a produção literária da cidade de Valença (BA) entre os anos de 1999 e 2019. Partindo da metáfora da “Supernova” e dos pressupostos teóricos de BAKHTIN (2003), BLOOM (2010) e CÂNDIDO (2000), procura-se apresentar uma definição provisória da Literatura Valenciana e situar essa produção dentro da História Literária da cidade, mostrando que – se por um lado, essa literatura contemporânea está dentro de uma continuidade; por outro, apresenta um fulgor próprio que poderia obscurecer o passado.

Palavras-chave: Literatura Valenciana; Supernova Literária; Historiografia.

Abstract: This article aims to analyze the literary production of the city of Valença (BA) between the years 1999 and 2019. Based on the “Supernova” metaphor and the theoretical assumptions of BAKHTIN (2003), BLOOM (2010) and CÂNDIDO (2000), it seeks to present a provisional definition of Valencian Literature and to place this production within the Literary History of the city, showing that – If, on the one hand, this contemporary literature is within a continuity; on the other, it has its own glow that could obscure the past.

Keywords: Valencian Literature; Literary Supernova; Historiography

Se um historiador do futuro tiver que escolher cinco fatos significativos da história de Valença (BA)² no início do século XXI – mais precisamente, a partir de 1999 – o fenômeno da “*Supernova Literária Valenciana*”³ (ou seja, a abundante e variada publicação de livros por autores nascidos e/ou residentes em Valença) necessariamente deve ser citado. Em um feito raro para as demais cidades

¹ José Ricardo da Hora Vidal Ricardo VIDAL é Mestre em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) campus II, Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Licenciado em Letras, com habilitação em Língua Inglesa e Literatura pela UNEB campus I (2009). Escritor e professor da rede estadual de educação básica, foi 3º lugar no Concurso Nacional de Poesia pela revista IARARANA e três vezes menção honrosa pela Academia de Letras do Recôncavo. Membro da Academia VALENCIANA de Educação, Letras e Artes (AVELA), presidindo-a durante o biênio 2021-2022. É técnico do Grupo de Pesquisa Linguagens, Culturas e Ambientes / Instituto Federal Baiano. Pesquisa Literatura e Sexualidade e Literatura da cidade de Valença - Bahia. E-mail: ricardovidal@hotmail.com.br

² No Brasil, existem três municípios com esse mesmo nome: a cidade baiana (primeira de seu nome, surgida ainda na aurora do período colonial), a fluminense e a piauiense. Considerando a sua precedência histórica e por ser o tema dessa análise, toda referência doravante a “Valença” será sempre para o município do Baixo Sul Baiano.

³ O termo **Supernova Literária** é uma categoria de análise criada pelo autor desse artigo para melhor compreender esse período da literatura valenciana. Seu significado e o porquê do emprego do termo são esmiuçados na própria introdução do presente artigo.

interioranas do estado da Bahia (até mesmo para grandes centros como Feira de Santana, Itabuna e Vitória da Conquista, com longa tradição universitária), os autores valencianos publicaram 74 livros (mais quatro reedições) no período de 21 anos, em gêneros variados: poesia, contos, romances, memórias, ensaios e historiografia. Tal pujança na produção poderia passar a falsa imagem de que a Literatura Valenciana é um fenômeno recente, quase como esse fosse o momento do seu “*Big Bang*”⁴. No entanto, uma análise mais acurada sobre o surto de publicação de livros nessa cidade situada no Território de Identidade do Baixo Sul aponta não o nascimento cósmico de uma nova literatura regional, mas como parte de uma continuação de uma produção literária intermitente.

Nesse sentido que se pega emprestado o conceito astronômico da “supernova”⁵ para caracterizar esse período: a literatura valenciana, tal qual uma estrela nos seus estágios finais de evolução, teria “explodido” e mostrado um fulgor maior, até que se transforme em outro fenômeno. Salienta-se que, apesar do conceito de supernova ser visto comumente como uma “morte estelar”, o ponto que realmente interessa à presente análise é de que a grande quantidade de livros publicados de 1999 até 2019 esteja ligado à uma continuidade que está se transformando. Por ser uma análise de um evento ainda recente, evita-se nomear o fenômeno como “Renascimento ou Renascença Valenciana” por não se considerar que essa literatura tivesse passado por um processo de ruptura estética ou por um momento de decadência ou hiato cultural – ainda que alguns autores e livros anteriores ao período analisado possam ter caído hoje no ostracismo.

Sendo assim, o artigo falará em primeiro lugar sobre a definição provisória do se entende por literatura valenciana e um rápido panorama até 1998, depois descreverá a produção literária e o contexto que a engendrou entre os anos de 1999

4 Segundo Ronaldo Mourão, Big Bang ou Grande Expansão é a teoria cosmológica dominante sobre o desenvolvimento inicial do universo. Segundo essa teoria, o universo estava originalmente muito quente e denso em algum tempo finito no passado, até que aconteceu uma grande explosão. Desde então tem se resfriado pela expansão ao estado diluído atual e continua em expansão atualmente. A teoria é sustentada por explicações mais completas e precisas a partir de evidências científicas disponíveis e da observação. Inicialmente foi chamada de “hipótese do átomo primordial” por Georges Lemaître e o modelo teórico se baseia na teoria da relatividade de Albert Einstein e em hipóteses simplificadoras (como homogeneidade e isotropia do espaço) - cujas equações principais foram formuladas por Alexander Friedmann.

5 Segundo David H Clark, Supernova é um evento astrofísico nos estágios finais da evolução das estrelas, quando ocorre uma explosão brilhante. Por um curto espaço de tempo, seria igual ao aparecimento de uma estrela “nova” no céu, até que o brilho diminua paulatinamente.

e 2019 e finalmente analisará sobre os dados apresentados (como quantidade, gêneros literários, reedições etc.).

1 – Literatura valenciana: (in)definições provisórias

Para uma melhor compreensão do que será abordado nesse artigo, é necessário delimitar o que vem a ser o sintagma “Literatura Valenciana”. Esclarece-se que o objetivo desse artigo não é esgotar totalmente a definição do tema, uma vez que essa é uma discussão longa e que exigiria o levantamento de várias hipóteses e critérios aos quais fogem à proposta dessa análise. Pelo contrário, o tensionamento de alguns parâmetros que ora se apresenta visa apenas ao estabelecimento de um conceito provisório que permita o entendimento do objeto que está sendo analisado e que a será melhor respondido em uma análise futura.

Como solução provisória e *ad hoc* para a definição geral de Literatura Valenciana, propõem que a mesma seja composta por autores e autoras que, de alguma forma, estão ligados **artística** e/ou **afetivamente**⁶ ao município de Valença e que estejam filiados a um Cânone Local.

Para tanto, entende-se o cânone como:

Uma escolha entre textos que lutam uns com os outros pela sobrevivência, quer se interprete a escolha como sendo feita por grupos sociais dominantes, instituições de educação, tradições de crítica, ou (...) por autores que vieram depois e sentem escolhidos por determinadas figuras ancestrais. (BLOOM, 2010, p.33).

Assim, o que se pretende com essa afirmação é considerar a Literatura Valenciana não como um conjunto fechado e homogêneo de autores consagrados, ponto de partida para cópias, filiações ou rupturas. Antes, ela se constitui de um campo aberto, heterogêneo e em formação, com diversos atores podendo influenciar ou já influenciando nessa seleção. Como exemplo disso, pode-se observar o peso da Academia Valenciana de Educação, Letras e Artes (AVELA), quando ela já estabelece uma primeira seleção de quais intelectuais seriam os “Expoentes” e “Notáveis” que

6 Por ligação artística e afetiva, entende-se a forma como o(a) autor(a) dialoga sua produção literária com cena artística do município, como ele(a) se relaciona sentimentalmente com Valença e se esse(a) é reconhecido ou se autorreconhece como um(a) escritor(a) local.

deveriam se consagrar para a preservação e propagação da cultura local. Sobre a AVELA, esta interessa especialmente para a presente análise quando a instituição baliza o Cânone Local em três situações: 01) Quem compõe seu quadro de membros, 02) Quais obras foram escritas pelos seus membros, 03) Quais nomes estão fora da instituição.

No primeiro aspecto, das pessoas que compõem a academia de letras, existem dois membros que tensionam os limites de quem poderia pertencer à literatura valenciana: Amália Grimaldi e Carlos Magno de Melo. Como se poderia esperar, alguns dos membros da AVELA nasceram em Valença (como, por exemplo, Mustafá Rosemberg, Macária Andrade, Rosângela Góis Figueireido e Ricardo Vidal). Contudo, existe os que nasceram em outras cidades e aqui fixaram residência permanente (como, por exemplo, Araken Vaz Galvão, Alfredo Gonçalves Neto, Otávio Mota e Edgard Oliveira). Ainda assim, três dos membros oriundos de outras cidades e que residiram na cidade, atualmente vivem longe de Valença: Carlos Magno de Melo, Amália Grimaldi e Luiz Cláudio. Curiosamente, os dois primeiros assinaram continuamente colunas no jornal *Valença Agora* e publicaram vários livros entre 1999 e 2019, período que ser analisado mais adiante no artigo. Fariam parte da literatura valenciana? Para a AVELA, sem a menor sombra de dúvida!

No segundo aspecto, das obras escritas pelos seus participantes, observa-se que elas não se limitam apenas à ficção. Pelo contrário, a existência não só de livros de ensaios e de estudos históricos colocaria em xeque os padrões atualmente aceitos pela crítica acadêmica sobre um *corpus* literário – principalmente para compreender os livros publicados a partir de 1999. Isso remonta ao que Antônio Cândido afirma no livro *“Formação da Literatura Brasileira”*:

Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e porque se qualificam de decisivos os momentos estudados, convém principiar distinguindo manifestações literárias, de literatura, propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. (CÂNDIDO, 2000, pg. 23)

No caso dos livros de História, embora não sejam considerados atualmente como obras literárias em si, eles são peças chaves para a literatura valenciana

contemporânea: seja pelo seu valor intrínseco como interpretações qualificadas e científicas sobre Valença; seja como manifestações paralelas e que servem de êmulo para as obras de ficção escritas nessa cidade até então. Vale salientar que dois livros cruciais para esse momento de maturidade literária em Valença são exatamente de História: “*Valença: Memórias de um Cidade*”, de Araken Vaz Galvão e publicada em 1999; e “*Valença: Dos Primórdios à Contemporaneidade*”, de Edgard Oliveira e cuja primeira edição foi publicada em 2006, um ano depois da antologia “*Valenciando*”.

Por fim, o último aspecto se considerar, é o das ausências no quadro da AVELA. E essas formam uma sequência de paradoxos que ajudam a explicar a formação do Cânone Local. No caso, a Academia Valenciana de Educação, Letras e Artes nunca pretendeu ser o único grupo orgânico de intelectuais da cidade ou possuir o monopólio sobre a literatura local. Contudo, pela sua própria natureza e função, erige-se como o principal colégio de escritores, onde se reúnem os luminares das Letras Valencianas. No entanto, seu quadro ainda não está completo, abrindo o caminho para que outros escritores adentrem à confraria. Existe intelectuais suficientes para que isso possa definitivamente ter 40 imortais na AVELA? O tempo dirá... Além disso, por ser uma academia de Educação, Letras e Artes, em que momento alguns de seus membros realmente se dedicará às letras? Pode acontecer de imortais eleitos pela sua contribuição à educação ou às artes também desenvolverem aptidão para as letras? Ou o inverso, escritores migrarem para outras artes e o magistério? Ora, um paradoxo derradeiro nessa cadeia é considerar que escritoras e escritores excelentes estão fora (até o momento) da instituição⁷. Longe de ser problema, mostra que a Literatura Valenciana é rica, viva e plural, podendo existir em outros ambientes para além da AVELA. Também mostra que existem outros grupos, coletivos e tradições / rupturas estéticas que estão produzindo textos literários e contribuindo na movência e estabelecimento de uma literatura valenciana forte.

Essa (in)definição provisória, no final, apresenta a literatura valenciana como um campo movediço e ainda virgem, carecendo de balizas que possam encaminhar

7 Como o caso dos membros da família Martinez: Celeste, matriarca e uma das principais vozes da poesia contemporânea de Valença; Horácio, patriarca e artista plástico; e de seus filhos Gugui Martinez (artista plástico) e Violeta Martinez (cineasta); nomes que se destacam na cena cultural de Valença e om sólida formação universitária. Além disso, outros dois nomes que se encontram fora da AVELA são os de Isaías (Zai) Pereira e Rose Azevedo. Essa, musicista, compositora, professora e musicoterapeuta atualmente residente em Salvador. Aquele, musicista, compositor, fotógrafo e historiador, atualmente residente na Austrália.

as discussões, tornando-se assim uma seara passível de polêmicas e disputas. Anteriormente e em paralelo à AVELA, existiram e existem vários escritores importantes que merecem um estudo mais aprofundado. Autores como o Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcelos, para ficar em um exemplo (contra)canônico, cuja análise literária e crítico-cultural de seus ensaios políticos e discursos proferidos no Senado do Império poderiam consolidar ou mesmo que delimitar essa seara vasta e bravia que é a literatura valenciana. Uma literatura crescente cujos últimos 21 anos tem mostrado maturidade e vigor, como poderá ser visto cuidadosamente no próximo tópico.

2 – O brilho ascendente da supernova

2.1 A tradição de uma estrela: literatura anterior à 1999

Se a definição do que seria a Literatura Valenciana possa ter gerado mais dúvidas do que certezas, o seu desenvolvimento ao longo da história certamente é de mais fácil compreensão. Como observa Antônio Cândido na formação de um sistema literário,

Quando a atividade dos escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade literária, – espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo. É uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, é o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. (CÂNDIDO, 2000, pg. 24)

Ou seja, a literatura valenciana não é apenas um fenômeno recente na cronologia local, desprovido de qualquer alicerce anterior. Pelo contrário, é um caminhar contínuo através do tempo, em que escritoras e escritores vão se sucedendo serena e constantemente ao longo das décadas, compatível com a história municipal que se inicia no aurorescer da colonização portuguesa nas Américas. Por sua vez, uma tradição literária prévia que reforça a existência dessa literatura, alimenta o conceito da Supernova Literária.

A opção pelo termo “Supernova” como alternativa ao conceito clássico de “Renascença” ou “Renascimento” reside no fato de que essa indica a existência de dois momentos fortes com um intervalo de decadência. É nesse sentido que termo

surgiu nos séculos XV e XVI na Itália, quando “renasceu” o interesse pelos estudos das obras da Antiguidade Greco-romana e do humanismo científico livre do misticismo, obscurantismo e dogmatismo teocrático que regeu a região nos quase mil anos de Idade Média. A “supernova literária” ou “literatura em supernova” se caracteriza por um movimento inverso: longe de ter um hiato indicando um declínio (movimento descendente), ela se caracteriza por um movimento ascendente que resulta em um salto qualitativo, como um momento de mudança dialética no qual as teses e antíteses se transformam em uma síntese que eclipsará os estágios anteriores. Uma literatura em supernova não se pretende ser um momento fundador da cultura em um ambiente vazio ou se apresenta como herdeira de um passado longínquo (real ou idealizado) ao qual se pretender religar com a produção hodierna. É apenas o estágio de transformação intensa que uma tradição passa após um momento recente de letargia. Seu esplendor aparentemente esconde a antiga tradição, criando a ilusão de ser um momento fundador, quando o que realmente acontece é que a literatura mostra seu total vigor, atingindo um outro patamar na sua evolução. É como se esse potencial criativo agora esteja libertando a crisálida que dormitava anteriormente dentro de um casulo. Só que, em vez da delicadeza da borboleta, essa transformação possui a força de uma explosão cósmica.

Esse movimento pode ser visto na história da Literatura Valenciana. A ocupação de seu território pelos primeiros europeus foi iniciada ainda os primórdios da colonização do Brasil. No entanto, os constantes ataques dos índios Aimorés aos colonos duraram até a metade do século XVIII, dificultando a ocupação portuguesa definitiva nas terras de Valença. Em 10 de junho de 1799⁸ ocorre a verdadeira emancipação política do município, quando o povoado é elevado a condição de vila em separada de Cairu, com a instalação da Câmara Municipal. E como vila independente que ela assiste a independência brasileira, o nascimento da primeira geração de grandes valencianos: Barão de Jequiriçá, Barão de Uruguaiana e o

8 A emancipação política de Valença é contada equivocadamente de quando sua elevação a categoria de cidade, pela resolução nº 368, de 10 de novembro de 1849. Contudo, considerando suas origens coloniais (e para tanto, considerar que a mesma era regida pela antiga legislação lusitana), as terras continentais em volta do povoado de Una / Amparo se separaram politicamente da Vila de Nossa Senhora do Rosário de Cairu, formando a então Vila de Nova Valença, estabelecendo assim sua Câmara Municipal. Em 1801, a vila conquista sua independência eclesiástica com o surgimento da Freguesia do Sagrado Coração de Jesus de Valença. Tecnicamente falando, há uma discrepância de 50 anos entre o real momento da emancipação política de Valença (*de juri e de facto*, em 1799) e o que o senso comum acabou adotando.

Conselheiro Zacarias de Góes de Vasconcelos e o surto industrial que a colocava na condição de vanguarda econômica do Brasil, com a fundação em 1844 da mais antiga fábrica têxtil do Brasil, pioneira tanto no uso de tecnologia de energia hidráulica para mover os teares como no trato de seus funcionários, todos trabalhadores assalariados e gozando de rara assistência social⁹ (fato esse que implicou na sua elevação à categoria de “Industrial Cidade” em 10 de novembro de 1849, diante que relevância que Valença adquira diante do Império brasileiro).

Conselheiro Zacarias se destaca na história nacional do século XIX como político e estadista, três vezes presidente do Conselho de Ministro do Império brasileiro. Contudo, na literatura valenciana ele se destaca como escritor de ensaios políticos (“*Da Natureza e Limites do Poder Moderador*”) e de seus discursos parlamentares¹⁰. Ainda no século XIX, em 1864, nasceu o médico e militante anarquista Fábio Luz, primeiro grande escritor de ficção. Formado pela Faculdade de Medicina de Bahia, mudou-se logo depois para o Rio de Janeiro, onde trabalhou nas áreas de saúde e educação. Além de panfletos políticos, publicou literatura infantil (“*Memórias de Joãozinho*”), crítica literária (“*Dioramas*” / 1934) e prosa de ficção (“*O Ideólogo*” e “*Os Emancipados*”). Membro da Academia Carioca de Letras, faleceu em 1938. Injustamente, no caso de Fábio Luz, sua obra literária vasta e rica se encontra esquecida na historiografia literária brasileira¹¹. Hodiernamente, o interesse sobre sua vida e produção intelectual se restringe a pouquíssimas dissertações de mestrado feitas por simpatizantes anarquistas.

No século XX, diversos autores mantiveram viva a Literatura Valenciana. Dentre eles se destacam Nathan Coutinho, Elmano Amorim e Cícero Mendes (cuja obra é uma miscelânea tardia de estilos do final XIX: Romantismo, Parnaso-

9 Sobre a economia valenciana nos meados do século XIX, ver “*A Industrial Cidade de Valença (Um surto de industrialização na Bahia do século XIX)*” de Waldir Freitas de Oliveira (1985), “*Viagens ao Brasil: Bahia, Sergipe e Alagoas – 1859*” de Dom Pedro II (2003), “*Memórias das Mulheres Operárias da CVI*” de Marcos Vieira (2014) e “*Companhia Valença Industrial (161 anos de uma profunda relação social com a cidade de Valença)*”, de Edgard Oliveira (2005?), além da dissertação de mestrado de Neli Ramos Paixão, “*Ao soar o apito da fábrica: idas e vindas de operários(as) têxteis em Valença – Bahia (1950-1980)*”.

10 A Câmara dos Deputados do Congresso Nacional brasileiro, em comemoração ao centenário de falecimento de Zacarias de Góes, publicou uma edição comemorativa “*Da Natureza e Limites do Poder Moderador*” (1978) e dos discursos “*Perfis Parlamentares vol. 9*” (1979)

11 Jorge de Souza Araújo, no seu livro “*Floração de Imaginários: O Romance Baiano no século 20*” (2008), cita a pessoa de Fábio Luz como nome importante das letras baianas, mas observa que poucas obras teriam sido achadas. Motivo pelo qual suas análises circunscrevem às obras “*O Ideólogo*” e “*Elias Barrão / Xica Maria*”, desconhecendo assim outras obras como “*Novellas*” (onde fora publicado o texto “*Na Província*”, ambientada na cidade de Valença da virada do século).

simbolismo e traços de Pré-modernismo), Newton Libertador, José Malta (poetas cuja obra ficou dispersas em jornais) e Galvão de Queiroz (jornalista que publicou contos, literatura infantil e traduções). No que Gilson Antunes destaca como um período rico¹²; essa literatura caminhou ainda a passos mornos, sendo que muitos livros dessa época se tornaram obras raras e difícil de encontrar – o que talvez explique como essas obras e autores começaram a desaparecer na memória local.

Entre os anos 1980 e 1998, pode-se considerar que a Literatura Valenciana entrou em refluxo. No caso, o período de hiperinflação e recessão econômica na década de 1980 e na primeira metade da década de 90, aliada à posterior gestão neoliberal de FHC (retirando o papel de Ministério da Cultura como órgão fomentador da política cultural), fez com o investimento em cultura diminuísse muito, obrigando a população a cortar o gasto de consumo nesse setor em detrimento de outros mais imediatos (como alimentação e saúde). Isso pode ser percebido pela publicação de pouquíssimos livros nesses 18 anos¹³. Mesmo sendo um período de calma na cultura de Valença, sinais de um novo tempo começavam a aparecer. Foi nessa época que o casal Euzedir e Araken Vaz Galvão se estabeleceram em definitivo em Valença...

2.2 Os instantes iniciais da explosão: 1999 – 2004

Araken Vaz Galvão é um baiano nascido em Jequié, ex-militar que participou da resistência armada contra a Ditadura Militar implantada em 1964¹⁴. Preso e exilado, percorreu a América do Sul hispânica até que o processo de redemocratização permitiu a sua volta ao Brasil. Homem inteligente e culto, escritor talentoso, resolvera passar sua velhice na Bahia, junto com sua esposa Euzedir. A cidade escolhida acabou sendo Valença, onde eles residem desde 1993. E aqui ele começou a fazer amizades, como as professoras Rosângela Góes e Macária Andrade, e o médico

12 Ver Live da Mauren, realizada no dia 20 de junho, no Instagram. Visto no YouTube <<https://www.youtube.com/watch?v=B1AtIUKCmVI&t=1949s>>, em 24 de agosto de 2020.

13 Ainda que três desses livros antecipariam tendências da literatura do século XXI: “*Industrial Cidade de Valença*”, pesquisa histórica de Waldir Freitas Oliveira publicada pela UFBA; “*Pensar Fluidos*”, poesias, e “*Apocalypse Man*”, poesia e peça de teatro homônima, também de Otávio Mota. Curiosamente, outro livro lançado na época foi “*Quindins de Yayá*”, livro de receitas cuja venda era parte da campanha de arrecadação de fundos para o Grupo de Ação Comunitária de Valença (GAC). Muitos anos mais tarde, ele seria relançado como parte do livro de memórias do Clarice Serafim Sena Gomes – idealizadora do GAC.

14 Sobre o assunto, ver “*Crônicas das prisões e dos exílio*” de Araken Vaz Galvão (2014) e “*Caparaó: a primeira guerrilha contra a ditadura*”, de José Caldas da Costa (2007).

Mustafá Rosemberg. Foi nesse ambiente que começou a perceber um fenômeno, conforme descreve no prefácio de *“Rio de Letras: II Antologia de Escritores de Valença, BA”* (2010) e:

Dezessete anos atrás, quando cheguei à Valença, fui encontrando... Melhor ciência da existência de “pessoas que escreviam”, que era sob essa capa “pudorosa” com a qual os escritores de Valença se escondiam. Pior do que essa forma de ocultação era que todos se conheciam, eram amigos, mas raramente compartilhavam o gosto pela literatura de forma coletiva. (GALVÃO, 2010, pg. 9)

Parecia estranho que uma cidade que fora berço de tantas escritoras e escritores no passado, assistir na virada de milênio, a ocultação de seus escritores. Conforme Araken conta ao longo do prefácio, ele foi “descobrimo” os talentos das pessoas: professoras que eram poetisas, médicos e farmacêutico que eram contistas, advogados que são cronistas, etc.

Ao mesmo tempo que se formou esse clima de camaradagem intelectual, também chegava uma data especial para Valença: 1999 seria comemorado o Sesquicentenário (Bicentenário) de emancipação política. E, foi assim, que encomendaram para Araken Vaz Galvão a publicação de um livro *“Valença: Memórias de uma cidade”*. Livro rico, com reflexões que algumas vezes questiona certas “verdades pétreas¹⁵” da História valenciana e com uma pesquisa que se volta tanto para os documentos históricos como para o relato oral da população. Também, no mesmo ano, o médico Mustafá Rosemberg lança, na comemoração do seu aniversário, o livreto *“Pétalas... Também Amei”*, reunindo poemas de sua autoria e que até então estavam inéditos em livros.

A partir da publicação dessas obras que se observa na cidade de Valença a retomada de publicação de livros. Entre 1999 e 2004, foram publicados 13 livros de diversos gêneros: poesia, contos, romances, discursos e historiografia. Dentre eles, além dos supracitados, se destacam *“No Meu Caminhar”* (2001) de Macária Andrade e *“Crônicas de uma Família Sertaneja”* (2004), primeiro romance de Araken Vaz Galvão. Durante o lançamento desse último livro, publicado com o apoio da Secretaria

15 Como o fato de Valença ter os títulos de “Hospitaleira” e “A Decidida”, além de trazer uma outra interpretação sobre os descendentes de holandeses no povoado de Cajaíba (na verdade, descendentes de mercenários irlandeses que estabeleceram uma colônia militar e agrícola no município vizinho de Taperoá).

de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, que houve um convite para Galvão a publicação de uma antologia de autores valencianos...

2.3 A Explosão em seu Esplendor: 2005 – 2014

Em 2005 sai a antologia “*Valenciando*”, organizada por Araken Vaz Galvão e reunindo poesias, crônicas e contos de oito autores locais: Além do próprio organizador, participaram Otávio Mota, Macária Andrade, Mustafá Rosemberg, Rosângela Góes, Alfredo Gonçalves de Lima Neto, Celeste Martinez e Marcos Vieira. Essa antologia é um marco na literatura valenciana a medida em que consolidou a carreira desses escritores. Metade deles – Mustafá Rosemberg, Macária Andrade, Otávio Mota e Araken Vaz Galvão – já tinha publicados seus livros anteriormente e essa antologia serviu não só para publicar novos textos como fixar alguns deles dentro de um “Cânone Literário¹⁶”. Também serviu para tornar público, em livros, textos inéditos de Alfredo Gonçalves de Lima Neto, Rosângela Góes, Celeste Martinez e Marcos Vieira. Em relação aos dois primeiros, foi depois da antologia “*Valenciando*” que publicaram seus livros solos.

Entre a publicação de “*Valenciando*”, em 2005 e o ano de 2014, a cena literária viveu um período de efervescência como nunca visto anteriormente. Em 10 anos foram publicados 44 novos títulos entre romance, poesia, conto, crônica, memórias, ensaios e historiografia e ainda houve três reedições de obras, perfazendo uma média de **4,7 edições novas por ano**. Ou seja, seria como um livro novo estivesse disponível aos leitores a cada trimestre – índice pouquíssima vezes alçando outras cidades interioranas da Bahia. Desses, foram publicadas 11 antologias (destacando-se “*Rio de Letras*” e “*Novos Valencianos*”, além das organizadas pelas escolas com textos de seus alunos), sete livros de poesia, sete romances, seis livros de crônicas, cinco livros de contos e um livro “misto” (reunindo mais de um gênero literário numa mesma obra de um autor). Fora esses livros de ficção, mereceriam salientar a publicação de seis livros de historiografia (dos quais um deles ganhou uma segunda edição), cinco livros de ensaios e três livros de memórias (no qual um ganhou duas novas edições).

16 Era os casos de Celeste Martinez e Otávio Mota. Este, inclusive, estava há mais de 20 anos sem publicar, enquanto aquela tinha publicado apenas plaquetes...

Dentro desse década, alguns anos foram especialmente relevantes: o biênio 2005-2006, quando foram lançados dez títulos novos ao todo; 2009, quando foram lançados oito títulos novos (e a reedição de um livro de historiografia); 2010, quando foram lançados sete títulos novos (e a reedição de um livro de memórias) e 2014, quando foram lançados nove títulos novos (desse, cinco pertencentes à “*Coleção Literatura do Baixo Sul*”¹⁷).

Além do volume numérico, salientam-se alguns aspectos qualitativos desse período. O primeiro deles é uma ausência: peças teatrais. Apesar de várias delas (muitas escritas por Otávio Mota) terem sido encenadas durante esses anos e com bom retorno de público, nenhuma foi editada em livro. Essa ausência fica realçada se for considerado que um dos poucos livros publicados em 1980 e 1999 foi exatamente o volume “*Apocalypse Man*”, reunindo poemas com a peça teatral homônima de Otávio Mota (sucesso de público e crítica na época).

Outro aspecto é da diversidade. Como pode ser visto, as autoras e autores valencianos passaram por vários gêneros textuais, indicando a coexistência de múltiplas tendências e estilos. Nesse ponto, o que a leitura preliminar dessas obras demonstra é que não houve o surgimento de uma “escola literária valenciana” específica, com os autores comungando valores e doutrinas estéticas. Muito pelo contrário, o que se apresenta é uma riqueza de caminhos na escrita: epígonos da estética finissecular (essa mistura de romantismo, parnasianismo e simbolismo), cultores da desconstrução textual concretista, leitores do realismo mágico latino-americano, escritoras e escritores intimistas, críticas e críticos sociais e por aí vai. Uma hipótese a ser levantada é que, com um longo período anterior sem publicação de livros, várias gerações de autores começaram a publicar ao mesmo tempo: desde autores mais idosos (como Mustafá Rosemberg e Macária Andrade) publicando tardiamente seus textos até os jovens nascidos no final do século XX (como muitos dos participantes da antologia “*Novos Valencianos*”) estreando uma poesia selvagem e juvenil. Isso impulsionou aos demais poetas, contistas, romancistas, cronistas e historiadores mais jovens disponibilizarem seus escritos. Um exemplo que corrobora essa análise está na quantidade de antologias que foram editadas nesse período:

17 A saber: “*Serapuí: sua história, belezas e lendas*” (Edgard Oliveira), “*Os Trabalhadores do Mar: Labuta, Cultura e Memória na Ilha de Gamboa do Morro, Cairu-Bá*” (Rosa Maria Fonseca Santos), “*Os Dribles do Acaso*” (Alfredo Gonçalves Lima Neto), “*Fios de Vida*” (Moacir Saraiva) e “*Saga de um Menino do Sertão*” (Araken Vaz Galvão).

quase a totalidade delas se centravam mais nas figuras dos escritores participantes do que no gênero textual escolhido. Inclusive, numa mesma antologia acontecia um dos integrantes publicar tanto poemas como prosa¹⁸.

Ainda no aspecto da diversidade, outro ponto a ser analisado é que os livros não voltaram exclusivamente para o campo ficcional. Livros de ensaios e de historiografia também vieram a lume nessa mesma época. Aliás, é exatamente nesse período que algumas de obras mais importante da história de Valença foram publicados: “*Valença: dos primórdios à contemporaneidade*”, de Edgard Oliveira, teve a primeira edição lançada em 2006 (numa coleção organizada pela Secretaria de Cultura e Turismo), seguido de uma nova edição, independente, em 2009. Outro livro é “*A Sombra da Guerra*”, de Augusto Moutinho, publicado em 2006 e que era resultado da sua dissertação de mestrado em História. Além dessas obras, se destacam os livros de memórias “*O Livro do Sonho*” e “*Momentos*”, de Gentil Paraíso Filho (sendo o primeiro teve duas novas edições em 2008 e 2010). O lançamento de obras que visem estudar e refletir o passado, concomitante ao lançamento de obras ficcionais, parece indicar que a cidade esteja se voltando para compreender e refletir sobre sua própria identidade cultural, corroborando que dito por Bakhtin, quando ele afirma:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre mudarão (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, sem seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo (BAKHTIN, 2003, p. 410).

Como consequência dessa produção literária abundante (e até do seu próprio amadurecimento) foi a fundação da Academia Valenciana de Educação, Letras e Artes em 2006 e implantada em 2007. O núcleo fundador da AVELA é formado por escritores participantes da antologia “*Valenciando*” e a ele foram se agregando outros escritores – em sua maioria, oriundos das antologias “*Rio de Letras*” e “*Novos*

18 É o caso de Macária Andrade e Alfredo Gonçalves de Lima Neto, na antologia “*Valenciando*” (2005).

Valencianos". A fundação da AVELA serviu como ponto catalisador, na medida que aproxima os autores da cidade em torno de discussões sobre cultura, educação e história da cidade e de incentivo da produção e divulgação literária. Um dos frutos dessa ação é quando, em 2014, é editada a "*Coleção Literatura do Baixo Sul*": reunião de cinco livros de contos, crônicas, romance e historiografia de autores de Valença.

Por fim, um fato que não pode ser esquecido é que essa época da literatura valenciana coincide com os dois mandatos do governo de Luís Inácio Lula da Silva e de do primeiro mandato de Dilma Rousseff, quando a área da Cultura ganhou outro tratamento na esfera pública. Principalmente no período em que Gilberto Gil e Juca Ferreira estiveram à frente do Ministério da Cultura (MinC), ocorreram vários editais e políticas de incentivos – como o estabelecimento dos "Pontos de Cultura". No estado da Bahia, ainda que a gestão de Paulo Souto, entre 2003 e 2007, seja de oposição ao governo federal do presidente Lula, houve um clima favorável de lançamento de livros, haja vista que "*Crônicas de uma Família Sertaneja*", a primeira edição de "*Valença: Dos primórdios à contemporaneidade*", "*Valenciando*" e "*Coração na Boca*" (2006), foram publicadas via patrocínio da então Secretária de Turismo e Cultura do Estado da Bahia. Quando Jacques Wagner se tornou governador do Estado da Bahia em 2007, esse modelo de gestão pública da cultura fora replicado no nível estadual, permitindo que alguns projetos (como o da "*Coleção Literatura do Baixo Sul*") pudessem vir a serem viabilizados via edital¹⁹. Mesmo com o patrocínio privado, o apoio público ainda se faz sentir, como no caso das antologias "*Novos Valencianos*" e "*4 Ases e 1 Coringa*". Em ambos, tanto a Prefeitura Municipal de Valença como a Câmara de Vereadores foram importantes para a viabilização dessas obras, em conjunto com a iniciativa privada local.

Infelizmente, em 2014 ocorreram o falecimento de Macária Andrade e Edgard Oliveira. A perda de dois imortais da AVELA e referências nas Letras Valencianas simbolicamente parece apontar para uma diminuição do ritmo de publicações de livros e a consolidação dos escritores já existentes, a partir de 2015.

2.4 O rastro de uma luz posterior: 2015 – 2019

19 Ou no caso de "*Rio de Letras: II Antologia de Escritores de Valença, BA*", via apoio direto do estado – como se pode depreender pelo prefácio do livro.

Após um longo tempo de estreias literárias, o período que se seguiu foi de desaceleração, com três novas autoras e autores destacando-se no cenário de Valença: a designer, fotógrafa e arte-educadora Jamile Menezes Pereira, que lançou seu livro infantil *“As Escolas de Joana”*²⁰ (2015), a jornalista Carolini Assis, com seu livro de poesia *“O Livro das Palavras Mal Ditas”* (2016) e o professor Dr. Gilson Antunes, com *“Desejo e Solidão”* (2018), crítica literária sobre Clarice Lispector e poemas nas antologias *“Às margens férteis do rio Una”* (2017) e *“Esquinas da Alma”* (2019).

Além disso, o IFBaiano *campus* Valença lançou duas antologias: *“Às margens férteis do rio Una: antologia interartística”* (2017), organizada pelos professores Gilson Antunes, Dislene Cardoso e André Luiz de Melo, com textos de alunos do ensino médio e de autores da comunidade cuja produção estava fora (pelo menos, alguns naquela época) do círculo da AVELA, além de também apresentar fotos juntos com textos – estabelecendo um rico diálogo intersemiótico. A outra antologia é *“Mãos que inspiram poesia: a arte de Maragogipinho traduzida em versos e ilustrações”*, organizada por professoras Joseane Costa Santana e Ionã Carqueijo Scarante, reunindo textos e ilustrações feitos por alunos do IFBaiano a partir da pesquisa de campo realizada pelas professoras supracitadas na comunidade de Maragogipinho, no município de Aratuípe (Bahia). Sobre essa antologia, cabe salientar que em 2018 houve uma primeira edição (reduzida para os alunos participantes) e uma segunda edição em 2020, voltada para o público em geral.

Dentre os autores que consolidaram suas produções, salientam-se Araken Vaz Galvão, que lançou mais três livros em prosa – com destaque ao romance *“Jagunço Velho”* (2016); Alfredo Gonçalves de Lima Neto, que lançou mais dois livros em prosa – com destaque ao seu romance de estreia *“O Homem da Lupara Amarela”* (2018); Carlos Magno de Melo, em 2018 lançou o romance *“Guaibimpará Caramuru: das areias às estrelas”*; e Mustafá Rosemberg, em 2018 lançou seu livro de poesia *“Rosas não ferem”*, com apoio da Assembleia Legislativa da Bahia.

Embora a média de lançamentos de livros nesse período entre 2015 e 2019 (17 novos títulos mais uma reedição) pudesse ser comparável ao período entre 2005 e 2009 (quando foram lançados 19 novos títulos mais duas reedições), ficou abaixo da

20 Livro que surgiu como resultado de seu Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais na Universidade Federal do Recôncavo Baiano. Jamile também é a ilustradora das muitas das capas de livros de autores valencianos lançados na época da Supernova Literária.

média do período entre 2010 e 2014 (quando foram lançados 25 novos títulos mais uma reedição). No âmbito nacional, essa diminuição do ritmo de lançamentos coincide com a crise política decorrente do golpe parlamentar contra a presidenta Dilma Rousseff em 2016 e um refluxo nas políticas culturais – e consequente queda na quantidade de apoios via editais. A própria situação periclitante em que esteve o MinC (ameaçado de extinção no governo de Michel Temer e efetivamente extinto no governo de Jair Bolsonaro, além do total esvaziamento de políticas públicas culturais promovido pelo último) reflete no número de lançamentos da época: em 2016, houve o lançamento de três novos títulos seguido de uma reedição; em 2017, lançamento de quatro novos títulos; em 2018, o lançamento de cinco novos títulos e em 2019 (primeiro ano do governo Bolsonaro), apenas o lançamento de três novos títulos.

Ainda sobre esse período, há de se observar um predomínio de textos de ficção em prosa: Quatro romances, três livros de contos e um livro de crônica. Em contraposição, dois novos livros de poemas e um livro de historiografia foram lançados. Novamente, nenhum texto dramático fora lançado nesse período.

Devido a pandemia recente de Covid19, em 2020, muitos lançamentos de livros foram suspensos ou atrasados pela necessidade do isolamento social. No entanto, acredita-se que muitas obras possam ter sido produzidas e aguardam o melhor momento para que cheguem ao público. Só que isso será cenar dos próximos capítulos...

(In)conclusões transitórias com algumas análises necessárias

Com a pandemia de Covid19 e o recolhimento das pessoas em suas casas, chegou o momento de se fazer um balanço da literatura valenciana contemporânea. A tabela abaixo é uma radiografia em números do que foi produzido até então:

TABELA – Produção editorial geral entre 1999-2019

	1999-2004	2005-2009	2010-2014 ^c	2015-2019	Total de livros por gênero
Antologias	-	5 ^{a,b}	6	3	14
Poesia	3	5	2	2	12
Conto	1	2	2	3	7
Crônica	1	2	4	1	8
Romance	5	3	4	4	16
Memória+	1	2 (+1)	1 (+1)	-	3 (+2)

História+	1	3 (+1)	3	1	8 (+1)
Ensaio	-	2	3	2	5
Infantil	-	-	-	1	1
Misto*+	1	-	1	(+1)	2 (+1)
TOTAL	13	19 (+2)	25 (+1)	17 (+1)	74 (+4)

Legenda:

***Misto:** livro de um mesmo autor que contenham mais de um gênero literário

(+n): Livro com mais de uma edição

a: brochura do jornal Valença Agora, reunindo poemas, crônicas e artigos publicados até então.

b: Uma das antologias era uma coletânea de ensaios organizados por Edgard Oliveira, voltada para área de Estudos Ambientais.

c: Ano do lançamento da “*Coleção Literatura do Baixo Sul*”

Em 21 anos, foram lançados 78 livros, dos quais, 74 correspondem a títulos novos. Isso significa que foram lançados, em média, **3,71 edições por ano** e **3,52 títulos novos por ano** (ou seja, **um livro novo por quadrimestre**). Contudo, somente **TRÊS títulos tiveram reedições**: “*Valença: dos primórdios à contemporaneidade*”, “*Vivendo e Aprendendo*”; “*Livro dos Sonhos*” (esse, o único que contou duas novas edições). Se, por um lado, mostra uma pujança e esplendor artístico que destoa do cenário literário do interior baiano (uma vez que se supõe que essa seja uma média não só elevada para outras cidades de porte parecido com Valença, mas – comparativamente falando – alta até para os padrões de outros polos regionais, como o caso de Itabuna, Ilhéus, Feira de Santana e Vitória da Conquista), por outro lado, demonstra uma fragilidade que a literatura de Valença possui, na medida que o material publicado não ganha edições subsequentes. Desse modo, alguns livros (como “*Estrelas no Lago*”, “*Valenciando*”, “*No meu caminhar*”, etc.) já estão esgotados e são cada vez mais difícil de achar. Assim, corre-se o risco de num futuro um tanto quanto próximo, esses livros e autores caírem no ostracismo – como acontece com alguns escritores do século XX.

Em linhas gerais, quatro tipos de livros dominaram a cena literária: Romances (16 títulos cuja publicação ficou dividida principalmente entre Araken Vaz Galvão e Carlos Magno de Melo), Poesia (12 títulos divididos em seis autores), Crônica (oito volumes, do que se destaca Moacir Saraiva) e Historiografia (também com oito volumes, dos quais se destacam Edgard Oliveira, Guto Moutinho e Francisco Aguiar Neto). Em compensação, como já foi mencionado, a inexistência da publicação de peças teatrais é algo que precisaria ser melhor esmiuçada em um estudo futuro. Essa

ausência é significativa se for considerar que nesse mesmo período, também foram encenadas várias peças teatrais – principalmente as de Otávio Mota. Aliás, há de se considerar o livro “*Apocalypse Man*” (1987) surgiu da peça teatral homônima de Otávio Mota e que, na época, fora um sucesso de público e de crítica.

Um ponto a se observar é a publicação de antologias (em sua maioria, mistas – ou seja, com a publicação de mais um tipo de gênero textual). No caso delas, foram importantes para o lançamento e consolidação de muitos talentos literários, permitindo não só a renovação (como em “*Novos Valencianos*” e “*Às Margens Férteis do Rio Una*”), como a consolidação do cânone dessa literatura (como em “*Valenciando*” e “*Rio de Letras*”). Ainda que Valença esteja no estágio de se pensar em coleções de livro, com vários autores assinando um volume de sua própria produção, as antologias continuam cumprindo um importante papel na cena literária. Uma explicação disso estaria no fato de seria mais barato os autores custearem um livro coletivo do que bancarem cada um o seu volume próprio. Além disso, esse é um caminho natural para escritores iniciantes, principalmente na poesia.

Partindo das antologias, há de considerar o papel de Araken Vaz Galvão, cuja chegada na cidade de Valença catalisou essa efervescência literária. Isso pode ser notado tanto pelas antologias que ele organizou (“*Valenciando*”, “*Trívio*”, “*Rio de Letras*” e “*Novos Valencianos*”, das quais, três são seminais para a literatura valenciana) como pela sua participação na AVELA, na ALER e como presidente do Conselho Estadual de Cultura. Além disso, ajudou a articular o lançamento de outros escritores da cidade.

Um fator que não pode deixar de se notar é que, concomitante aos livros de ficção, também foram lançados livros de historiografia e ensaios. Ainda que os estudos literários contemporâneos tenda a desconsiderar essa produção, é relevante observa que ela ocorre em paralelo ao lançamento de romances, poemas e contos. No caso dos livros de historiografia, a volta ao passado reafirma um desejo de refletir e entender a formação da idade cultural do povo valenciano. Quiçá, possa até a influenciar os textos ficcionais futuros, que se nutrirão do conhecimento de suas origens para inspirar novos voos poéticos. Por outro lado, os livros de ensaios retomam a uma tradição de pensamento crítico, humanístico e/ou científico. “*Ensaio Valencianos*” de Araken Vaz Galvão, “*Memórias das Mulheres Operárias da CVI*” de Márcio Vieira, “*A Sombra da Guerra*” de Augusto (Guto) Moutinho e “*Desejo e Solidão*” de Gilson Antunes é uma continuação do caminho já trilhado por Conselheiro Zacarias

de Góes e Vasconcelos (na área do Direito e da Política), Fábio Luz (Crítica Literária), Aristides Galvão de Queiroz (Filosofia), Alcício Peltier de Queiroz (Medicina) e Admar Braga Guimarães (Direito). Com a existência de vários cursos superiores funcionando na cidade, há de se esperar novos autores de não ficção, com produção técnica no Direito, Pedagogia, Saúde, Matemática e Informática possam surgir nos próximos anos.

Finalmente, outro ponto a ser considerado é a forma como os livros foram publicados. Ainda que algumas edições tenham sido bancadas pelos próprios autores, outras foram frutos de patrocínio – principalmente do poder público. É inegável que várias obras só chegaram a lume quando o Estado (seja via Secretária de Cultura, seja via Assembleia Legislativa) e o Município (seja Prefeitura, seja a Câmara Municipal) se fizeram presentes como o principal Mecenas – até como um chamariz para que a iniciativa privada também colaborasse na difusão da literatura valenciana. A preocupação que surge é com o atual cenário político nacional, com o governo iniciado em 2019 tomando atitudes de retrocesso na gestão cultural. A queda do número de lançamentos nos últimos anos parece indicar que a literatura valenciana contemporânea talvez precise pensar em novos meios de financiamento que permitam a sua sustentabilidade.

Enfim, o que artigo pretendia mostrar era um rápido panorama do que a cidade de Valença tem a oferecer em termos de literatura no início do século XXI. Com certeza é uma literatura rica, cheia de contradições e encantos, um terreno virgem para pesquisas, críticas e análises. É uma estrela de brilho raro dentro do que se é produzido no Estado da Bahia, a viver um momento de esplendor inigualável. Sua luz se projeta de tal forma, que corre o risco de ofuscar um passado rico, ao mesmo tempo de não permite maiores prognósticos futuros. Para onde poderá caminhar essa literatura? Haverá um momento de refluxo? Apenas conjecturas. A única coisa que se pode dizer com segurança é que, a depender dos escritores e escritoras que habitam às margens do rio Una, existe ainda muito fôlego e matéria-prima a ser consumida nos próximos anos, mostrando que essa literatura ainda tem muito o que dizer.

Referências

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Floração de Imaginários*. O romance baiano no século 20. Itabuna/Ilhéus: Via Litterarum, 2008.

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. (2003)
- BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Os Livros e a Escola do Tempo. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 1º Vol (1750-1836). 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.
- CLARK, David R. Morre uma estrela. in. *Ciência e Futuro 1989*. Livro do Ano. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1989.
- GALVÃO, Araken Vaz. *Valença, memórias de uma cidade*. Valença: Prefeitura Municipal de Valença, 1999.
- GALVÃO, Araken Vaz (org). *Valenciando: antologia de escritores de Valença*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, EGBA, 2005. (Coleção Apoio).
- GALVÃO, Araken Vaz (org). *Rio de Letras*. II Antologia dos Escritores de Valença. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, Fundação Pedro Calmon, 2010. (Novas Letras: Territórios da Bahia).
- GALVÃO, Araken Vaz (org). *Trívio*. Salvador: JM Gráfica e Editora Ltda, 2010.
- GALVÃO, Araken Vaz(org). *Novos Valencianos: Coletânea de Textos de Jovens Escritores de Valença*. Salvador: JM Gráfica e Editora Ltda, 2010.
- PRZYBYLSKI, Mauren Pavão et alli. *Live da Mauren: Literatura do Baixo Sul Baiano*, realizada no dia 20 de junho de 2020, no Instagram. Visto no YouTube <<https://www.youtube.com/watch?v=B1AtIUKCmVI&t=1949s>>, em 24 de ago. de 2020
- LIMA NETO, Alfredo Gonçalves et alli. *Esquinas da Alma*. Antologia Poética. São Paulo: RG Editores, 2019.
- LUZ, Fábio. *Novellas [Na província / Todos por um]*. Rio de Janeiro / Paris: H. Garnier, Livreiro Editor, 1902.
- MARTINS FILHO, Gentil Paraíso. *Livros dos Sonhos: memórias*. 3ª edição. Ilhéus: Edição do Autor, 2008.
- MOTA, Otávio. *Apocalipse Man*. Poesia e Teatro. Salvador: Edições O Vice Rey, 1987.
- MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *O livro de ouro do universo*. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2000.
- OLIVEIRA, Edgard Otacílio da Silva. *Valença: dos primórdios à contemporaneidade*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2006. (Coleção Cidades da Bahia).

OLIVEIRA, Waldir Freitas. *A Industrial Cidade de Valença (um surto de industrialização na Bahia do século XIX)*. Salvador: UFBA, 1985.

SCARANTE, Ionã Carqueijo e SANTANA, Joseane Costa (orgs). *Mãos que inspiram poesia: a arte de Maragogipinho traduzida em versos e ilustrações*. 2ª ed. Salvador: Editora Mente Aberta, 2020.

SILVA, Gilson Antunes; BRITO, Dislene Cardoso de e MELO, André Luiz de (orgs). *Às margens férteis do Rio Una*. Antologia interartística. Salvador: Editora Giro, 2017.

VALENÇA AGORA. *Caderno de Cultura: Antologia de colunistas do jornal Valença Agora*. Valença: Prisma, 2006.

VIDAL, Ricardo. *Estrelas no lago*. Salvador: Cia Valença Editorial, 2004.

VIDAL, Ricardo *et alli*. *4 ases e 1 coringa*. Valença: Prisma, 2014.